

# REVISTA DE ARTE E DE CRITICA

ANNO I

JANEIRO DE 1879

NUMERO 4

## UM DIVORCIO

POR  
ANTONIO ENNES

COM UM PREFACIO DE MADAME RATAZZI

(A CESARIO VERDE: AO GRANDE ESPIRITO E AO GRANDE AMIGO)

O genio aventureiro da snr.<sup>a</sup> Maria Letizia Rattazzi (é uma Bonaparte—s. exc.<sup>a</sup>) pousou recentemente na boa terra de Portugal:—excentrica aventura! A snr.<sup>a</sup> Rattazzi pairara, contemplativa, sobre os Abexins e os Laponios e os Patagonios e, afinal, decidiu-se... por nós! Tarde nos deu a Providencia o gôso pantagruelico da singular visita. Um seculo antes, a musa bogigiana formaria duas alas de sonetos, em homenagem á boa protectora. Hoje, a gratidão nacional tem de acceitar-nos por interprete,—o que é triste para todos...

Ora, da excentrica aventura surgiu — e força era prevê-o — uma alluvião pavorosa de episodios, que destoaram, mercê do espirito, d'esta gravidade pachorrenta que constitue o fundo dos leitores d'esta *Revista* e o dos redactores, tambem.

Foi assim que a snr.<sup>a</sup> Rattazzi,—a generosa reveladora de Portugal aos sabios hermaphroditas do *Figaro*,—descobriu: que, no snr. Ennes, «o genio sobrepua os dotes de talento»; que o snr. Thomaz Ribeiro corresponde,

à luz d'uma vèla  
de cêra amarella,

ao Lamartine das *Meditações*; que o historiador do Consulado e do Imperio — A. Thiers — é dignamente representado entre nós pelo snr. Latino Coelho, e que o snr. Melicio desempenha com inexcédível correcção o papel de um dos Grimm... Um pouco mais de condescendencia — e a nossa protectora resvalaria até á snr.<sup>a</sup> Torrezão, arrastando na vareda criminosa o nome da George Sand: não exultemos, porém: a snr.<sup>a</sup> Maria Letizia, firmada no depoimento do nosso Thiers (o snr. Latino Coelho, homem de espirito libertino), descobriu que o *Saltimbanco* do snr. Ennes é «a obra prima do theatro portuguez» e que o acto dramatico *Um Divorcio*, do mesmo auctor, affirma grandes pontos de contacto entre o genio do snr. Ennes e o genio de... Shakespeare.

Não protestamos: registrar o cazo importa flagelação severa e a tanto nos limitaremos. Além d'isto, não é de hoje que a memoria de Shakespeare recebe, em abundante moeda de ultrajes, o culto da leviandade petulante. Na velha Inglaterra, a mocidade aristocratica, contemporanea, presta de ha muito em Cambridge e em Oxford ao maior vulto litterario do seu paiz uma simples homenagem philologica: traduz no idioma de

Sophokles algumas scenas do *Hamlet* e commenta desdenhosamente as vélharias do gigante, após a elaboração do *tour de force*. O instincto popular conserva ainda por Shakespeare a admiração primitiva. A aristocracia ingleza é absurda, é idiota, em meio da sua *illustração*: mas os seus desdens não igualam, decerto, a *façon cavalière* com que a snr.<sup>a</sup> Maria Letizia explora o nome do illustre inglez, em homenagem aos seus commensaes, d'ella, no salão de D. Maria II.

E sobre o *Saltimbanco*, julgâmo'-nos hoje dispensados de nova discussão: a tautologia não vinga seduzir-nos. A «obra prima» obteve de nós o tributo de attenção grave, de observação consciante,—que algures lhe recuzaram, á sombra do elogio deshonesto e aviltante. Analysámos os documentos do processo reclamado pelo dramaturgo perante o tribunal da Critica, e pronunciamos sobre o cazo. Resultado surgiu, mercê de Deus, traduzido em amúos e em insultuosas referencias do compadrio. A vigorosa *Revista* (1) que em suas paginas abrigára o *desacato*, chamou á discussão os campeões:—silencio em toda a linha *litteraria*! Elogiar é facil; insultar—tambem. Discutir é grave: reclama hombridade e estudo: a consciencia armada. Os thuribularios do snr. Ennes são mestres na apologia banal; no terreno da Critica distinguem-se, porém, mercê de singular prudencia. O silencio é-lhes arma e reducto.

O prefacio da illustre *bas-bleue* é um assombro. Seria apenas um conjuncto de inexactidões banaes — vulgarissimo entre os escriptores francezes que de nós se occupam,—se a auctora não ostentasse pretensões singulares de competencia, que a furtam á commiserção. A snr.<sup>a</sup> Rattazzi cita, a cada pagina do prefacio, os nomes dos seus amigos illustres e firma nos juizos de taes amigos o *seu proprio* juizo. Cita Herculano—e de passagem diffama o grande homem, obrigando a uma rectificação o poeta portuguez Bulhão Pato; cita o snr. Latino, gloria litteraria firmada... na esterilidade; cita Romero Ortiz, compilador de *cavacos* lisboenses, e affirma peremptoriamente que «o snr. Ennes é um dos raros vultos que honram um paiz e uma época e um dos talentos mais completos de todos os paizes latinos».

Ora, todos nós sabemos,—uns pelo estudo, outros pelo instincto,—que o snr. Ennes é, apenas, o «auctor dos *Lazaristas*» e que as suas produções theatraes, posteriores ao drama da sua estreia, representam «uma serie de desastres»; os nomes de taes produções entraram no esquecimento: a propria sr.<sup>a</sup> Rattazzi, no seu prefacio apologetico, chama — a uma *Os Saltimbancos*; e a outra *Miss Multon*. Acumulação de absurdos! Da «obra prima» demonstramos algures as deploraveis tendencias para as rapsodias do thea-

(1) *Revista Litteraria de Porto*, 1877.

tro do Romantismo. Que diremos de *Um Divorcio*, derradeira afirmação de impotencia, saudada pelo compadrio? Pedem-nos a demonstração?

Em primeiro lugar, que problema social pretende resolver, no seu acto dramático *Um Divorcio*, o auctor dos *Lazaristas*? Não vingámos sabê-lo, nem sobre o caso desceu a elucidar-nos a descobridora do genio do sr. Ennes. Mas nem a Critica pede tanto: cedendo consideravel parte dos seus direitos, pede apenas uma definição d'aquelles vultos que se atropelam, estonteados, durante as sete scenas do drama; fabricando phrases d'effeito, contradizendo-se a si proprios, a cada momento, não em virtude de contradição fundada em observação e *transmutação* psychologica, mas estouvadamente, como titeres que se agitam a impulsos de profano. Assim, temos que a protagonista — no acto de appellar para a destruição propria em face da criminalidade de seu marido, estabelece-nos no espirito este agrupamento de duvidas: — ¿suicida-se em virtude da impotencia da lei que só lhe concede uma *separação* e não lhe restitue (*sic*) o coração do homem amado? mas em tal caso, a idéa do suicidio, representando apenas o desespero, o conhecimento tacito da impossibilidade de viver feliz sem o amor d'aquelle homem: tal idéa, dizemos, não exige, para suscitar-se, o estado matrimonial: qualquer entidade, de qualquer dos sexos, recorre ao fatal meio; — ¿suicida-se, porém, a mulher, afim de salvar «a dignidade humana, o direito divino da esposa?» mas tal dignidade e tal direito não se salvam nem purificam porque a mulher ultrajada velou a face com o manto da morte; a dignidade e o direito salvar-se-hiam na resignação altiva, no perdão absoluto, ou no afastamento; — ¿suicida-se, enfim, a protagonista, movida por um sobre-humano impulso de abnegação, tendo por alvo a reabilitação de sua filha adoptiva e sua rival e a felicidade tranquilla de seu marido? mas, então, o segredo mais completo por parte da martyr deveria abrir de futuro aos delinquentes o viver que a abnegação d'ella lhe destinára: e como procede essa martyr? fazendo-se envenenar pela propria mão de seu marido, revelando a este o conhecimento completo da infidelidade conjugal, fazendo alarde do suicidio e crendo, por tal modo, uma barreira suprema entre os dois entes por quem morre: — o espectáculo permanente do seu cadaver.

Esta mulher é decididamente imbecil — e só o talento prodigioso da Pezzana mascarou, ha um anno, entre nós, os esgares e as piruetas de tal vulto. Na scena V, — um extenso monólogo, reputado, por espiritos simples, de um vigor shakespeareano — afirma-se uma pobreza espantosa de execução no *manobrar* dos sentimentos desencontrados que devem despedaçar a alma da desventurada. Em meio d'aquella tempestade, a comica figura das *formalidades do divorcio*, introduzida, com o accrescimento de um sorriso, bastaria á condemnação absoluta do acto dramático do sr. Ennes: mas que dizer do «filho de Deus, que, podendo commandar legiões de anjos armados, morreu para salvar a humanidade?» É orthodoxo, é edificante, dá um cunho marcial ao vulto de Jezus: mas é um tanto absurdo nos minutos derradeiros d'uma suicida. E a *profunda* interrogação sobre as pretensões do homem a explicar a justiça de Deus?! E o descriptivo á *Flaubert* das casas da cidade destacando-se na sombria téla da noite?! Um pouco

mais demorada a scena V — e tinhamos drama, elaborado pela martyr e consagrado á princeza semi-côrsa que revelou Portugal ao mundo! Felizmente, surge o marido, o cafe do lar domestico, e enceta-se á beira do tumulto uma palestra, que dirieis ensaio geral de comedia fina, realizado em hora de tedio, entre inimizados artistas: — um assombro!

A ultima phrase do acto sublimado termina por uma pilheria, proferida pela mulher-martyr: «Meu marido já me não amava... Divorciei-me.» O dedo do sr. Ennes afirma-se nos finaes dos dramas com uma nota... shakespeareana: hontem o pregão do saltimbanco, depois o trocadilho da idiota! O snr. Latino Coelho, «gigante litterario,» que nos faz sorrir como «a procreação d'um eunuco,» recommenda a coisa á snr.<sup>a</sup> Maria Rattazi e a illustre *bas-bleue* concede ao velho Portugal, mercê dos genios que n'elle viu, a sua valiosa protecção. Ainda bem que esta ultima se afirma de um modo especial: abrindo os theatros particulares de Paris, em recitas de amadores, ao dramaturgo da *Emigração*, ha pouco batido no Brazil!

A cruel verdade, em que peze a todas as *bas-bleues* e a todos os noticiaristas, é que o author dos *Lazaristas* esgotou os seus dotes de dramaturgo no drama da sua estreia.

E temos dito.

SILVA PINTO.

## AMELIA

Oh minha doce amiga, ingenua companheira,  
Dos florecos annos meus, cheios de sombra e luz,  
Dizem que estás dormindo a noite derradeira,  
Como a estatua da dôr cahida aos pés da cruz:

Dizem que vou de balde, ás horas da saudade,  
Quando no mar ao longe o dia esmoreceu,  
Do bosque sepulchral na escura soledade  
Dizer-te:—«Amelia, acorda, acorda que sou eu!»

Dizem que em vão te fallo em mil visões doiradas,  
Como quem sonha ainda esplendido porvir,  
Quando as flores da vida, estereis e myrrhadas,  
Vi sobre o teu sudario uma a uma cahir.

Dizem que dormes sempre em teu funéreo leito,  
Em quanto julgo em vão contigo conversar;  
Que fallo, e a minha voz não echôa em teu peito,  
Sempre em funda mudez, qual pedra tumular:

Dizem que embalde, Amelia, ás horas da partida,  
Quando a lua na selva espargue aureo fulgor,  
Eu deixo ao pé de ti o coração e a vida,  
Poisando-te na campa alguma pobre flor.

Dizem que em vão te julgo ao meu destino presa  
No mundo e alem da morte, absorto em sonhos vãos,  
Quando do nosso amor, com gelida tristesa,  
Já vi partido o laço em tuas frias mãos.

Dizem que nos sepára um abysmo sem termo!  
Que foste como a luz, que a tormenta apagou:  
Como acria visãõ, que nas sombras d'um ermo  
Surge, apparece, foge... e nunca mais passou!

Dizem que embalde á campã, ardente visionario,  
Te leve o meu amor como um raio do sol,  
Nãõ retiras da fronte as dobras do sudario,  
Nem levantas do peito o funebre lençol.

Se assim é, se estás morta, ó minha doce amiga,  
Companheira gentil dos meus annos em flor,  
Ao pé do teu sepulchro haja alguem que me diga  
Como pôde extinguir-se este infinito amor!

Em toda a parte e sempre eu vejo a tua imagem,  
Em toda a parte e sempre eu oiço a tua voz...  
Quando das multidões o rugido selvagem  
Mais se ergue em torno a mim, estou contigo a sós.

És tu, quando na estrada, erma e cheia d'abrolhos,  
Pãro, enxugando a fronte inundada em suor,  
Quem me diz a gemer, co'as lagrimas nos olhos:  
— «Cobra alento e caminha: o futuro é melhor!»

És tu quem sabe a historia á minha vida inteira!  
Quem traduz de minh'alma as intimas canções;  
Quem me acompanha só, dos abysmos á beira,  
Cercando-me o porvir d'alegres illusões:

És tu quem lêr na sombra o meu futuro anhela,  
Co'a vista presa além no horisonte sem fim...  
Quem no meu hombro inclina a fronte airosa e bella,  
Se as iras do Senhor trovejã sobre mim:

És tu quem no meu ser encontra a viva flamma,  
Que a mente lhe transporta ás regiões da luz!  
Quem subito calor em meu seio derrama,  
Sentindo-me tremer sob a pesada cruz!

És tu quem ao sol posto, em fervorosa prece,  
Levantando a cabeça, eleva o olhar aos ceus,  
E emquanto pelo espaço a extrema luz fenece,  
De joelhos, em silencio, ora por mim a Deus.

E dizem que estás morta, esposa de minh'alma,  
Unica imagem santa a quem meu ser liguei,  
Lyrio d'esses jardins que enflora a eterna palma,  
Celeste emanação d'um mundo que eu sonhei!

Se assim é, já não vivo. — A noite sem aurora,  
Que sobre ti baixou, envolve-me tambem:  
Pulsa-me ainda o peito? Ai! pulse muito embora!  
Se ha fogo dentro n'elle, é de ti que me vem.

Para mim a existencia era um vago reflexo  
Da chamma que espalhava o teu infindo amor:  
Junto da tua campã, assustado, perplexo,  
Julgo indã vêr no gelo um vivido fulgor!

Mãse em breve (ai de mim!) aquella chamma ardente  
Se esvae como o esplendor de longinquo arrebol;  
Se eu conheço que a luz só me vem do occidente,  
Que o meu dia findou, que é já posto o meu sol:

Se ao deixar-te uma noite, a morrer de saudade,  
Como os outros tambem eu vir morta a illusão —  
Se tambem eu disser: — «Meu Deus, é pois verdade?  
«Estã chegada enfim a eterna cerração?!

«Em vãõ nos fins da tarde ao bosque solitario  
«Venho dizer-lhe a sós: «Nãõ te esqueças de mim:»  
«Pallida como a dor, fria como o sudario,  
«A minha pobre amiga está dormindo enfim!

«Levanta ao longe o mar o seu bramido enorme,  
«Pela abobada azul tudo é brilho e rumor...  
«Risonha a natureza, em quanto que ella dorme,  
«Solta ardente e lasciva um cantico d'amor.

«Nada mudou, bem sei — tudo como era d'antes!  
«Os bosques e a planicie, o mar, a terra e os ceus  
«Sãõ bellos como outr'ora, alegres, sussurrantes...  
«Nem lhe ouvirã talvez o derradeiro adeus!

«Ai minha bella esposa! A natureza inteira  
«Viu-te cahir sem dôr, como a folha outomnal:  
«Só eu mudo e a tremer, de teu jazigo á beira,  
«Senti passar rugindo o escuro vendaval:

«E venho indã ao sepulchro, ardente visionario,  
«Trazer-te o meu amor como um raio do sol?!  
«Pobre doido! Quem desce ao leito funerario,  
«Jãmais ergue do seio o funebre lençol!

«Lembro-lhe em vãõ saudoso a enamorada historia  
«D'essa esplendente quadra em que o amor nos sorri;  
«Nos gelos sepulchraes apaga-se a memoria...  
«Sonhos, glorias, amor — tudo se esquece ali!» —

Se ao deixar uma noite o escuro cemiterio,  
Só e triste a scismar nos tempos, que lá vãõ,  
Estas vozes fataes, como um dobre funereo,  
Encherem de minh'alma a infinda solidão:

Se a dôce luz da fé, a luz que nos conforta,  
Como os fogos do ceu, fugir, morrendo além:  
Se eu disser a tremer: — «Meu Deus, ella está morta!  
«Que faço eu pois aqui? Vou descansar tambem: — »

Oh minha dôce esposa, humilde companheira  
Dos meus dias de sol, dos meus annos em flôr,  
Acorda, acorda então pela vez derradeira,  
E ficta-me a tremer d'alegria e d'amor!

Do noivado eternal será chegado o instante!  
D'outros soes o clarão fulgirá sobre nós,  
Que em procura de ti, ó minha bella amante,  
Do jazigo os umbraes irei transpondo a sós.

Se és morta, para mim está findã a jornada!  
Que hei-de eu buscar sem ti nas sombras do porvir?

Debalde estendo o olhar por essa longa estrada...  
O meu lar é deserto, e a noite vae cahir!

Quando ao baixar do sol, nos ermos d'Agramonte,  
O som dos passos meus echôa em torno a mim,  
Eu creio vêr-te erguer a enamorada fronte,  
Comtigo murmurando:—«Ei-lo que chega emfim».

Mais tarde, quando absorto, ao pé do teu jazigo,  
Que cercam noite e dia os cedros funeraes,  
Estou por largo tempo a conversar contigo,  
Julgo ouvir-te dizer:—«Não me esqueças jamais!»

Depois, quando nos ceus passa brilhante a lua,  
Quando percorre a selva um subito rumor,  
Eu digo-te «sou teu» tu dizes-me «sou tua»,  
E os astros na amplidão fallam do nosso amor.

Chega emfim da partida o doloroso instante!  
O mar ruga mais alto, ha mais fulgor nos céus,  
Treme de lado a lado a floresta distante,  
E sahe do teu jazigo um dulcissimo adeus!

Então busco de novo a rua dos cyprestes.  
Que noite!—Só além, como atravez d'um véu,  
Fulge o tibio clarão das lampadas celestes  
Agora n'uma cruz, depois n'um mausoleu.

Ao duvidoso alvôr que illumina os espaços,  
A costumada senda atravesso outra vez:  
Vae-se ao longe extinguindo o rumor dos meus passos...  
Nada perturba á morte a gelida mudez.

Mas eu bem sei, bem sei, ó minha bella amante,  
Que então, ébria d'amor, de jubilo e prazer,  
Nos teus véos côr da noite escondes o semblante,  
Dizendo a sós comtigo antes d'adormecer:

«Vae. Dos nocturnos soes o palpitante lume  
«Já sobre ti do somno espalha a branda paz;  
«Vae, meu amigo, vae, que ás horas do costume,  
«Co'as estrellas do céu amanhã voltarás.»

Do bosque funeral nas solitarias ruas  
Tudo é calado então, ao longe, e em torno a mim;  
Tudo é calado, e eu oiço estas palavras tuas!  
Tudo é calado, e eu sei que estás fallando assim!

São acaso illusões de profunda saudade?  
São echos d'uma voz, que alem, alem passou?  
Folhas seccas do outone, erranto claridade  
D'um astro já sem luz, d'um sol que se apagou?

Mas então, por quem és, levanta-te, querida!  
Doira, ao brilho sidéreo, a descorada tez!  
Ao teu immenso amor pede um resto de vida,  
E abraça-me a sorrir, pela ultima vez!

Da eternidade a noite immovel, fria, obscura  
Cerra-te o inquieto olhar, qual funebre sendal?  
Tens medo d'estar só na tua sepultura?  
Mas vê que eu não faltei á bôda sepulchral.

Enflore-se de novo o nôsso alegre leito!  
São horas de repouso; exijo o meu lugar:  
Esconde-me a cabeça em teu gelado peito,  
E deixa que ao teu lado eu venha descansar.

Dezembro de 1872.

ALEXANDRE BRAGA.

## IGNOTA DEA

Não ha ahí pelear... não ha combato...  
.....  
São os tristes suspiros do Passado  
Que se erguem d'osso chão por toda a parto...  
ANTHERO DO QUENTAL

Amar-te! E pôde acaso equilibrar-se a fé  
Entre uma alma que soffre e um mundo que escarnece?  
Não sei! mas creio em ti como o engeitado crê  
Na mãe que não conhece.

A Esperança, encobrando a augustia que a descora,  
Ergueu-se inda uma vez com sob'humano esforço  
Nas ondas d'este mar;  
E espero! — como espera a noite do remorso  
Os primeiros clarões da suspirada aurora  
Que nunca vê chegar!

Nem sei o que tu és; mas sei que mergulhado  
No luminoso arfar d'essa alma de diamante,  
Sinto cá dentro erguer-se, inteiro, palpitante,  
O amor — cadaver já, nas solidões do peito.  
Torrente irresistivel,  
Leva, leva comtigo ao vacuo constellado  
Meu coração desfeito,  
Nas ancias do Ideal, nos sonhos do Impossivel;  
Submerge-me em teu ventre, ó pelago insondavel!  
Ubre, onde sorve amor quem já não sabe amar;  
Evangelho, onde a alma aprende o Inenarravel;  
Sopro, que faz, da cinza, a chamma resaltar!

Mas nos tempos que vão, d'atroz positivismo,  
Renega a sã razão quem pensa em taes loucuras.  
Atire-se a tristeza á paz das sepulturas,  
E cubra-se de terra o pallido lyrismo.

E visto que é Chimera a chamma que serpêa  
Em torno aos corações, qual astro na amplidão,  
Deixemos que se extinga a luz que nos rodeia  
E ponhâmos noss'alma em arrematação.

A minha lyra, o canto, o amor: a paz amena,  
Que extatico me erguia aos páramos de Deus,  
Emquanto a não corroe a lepra e a gangrena,  
E' compral-a! — comprai-m'a, eroticos Romeus!

Ó, sol do boulevard! se apaga teus desejos  
O velho madrigal, o choque do improviso,  
Se queres refrescar a ardencia de teus beijos  
Na cascata final de esplendido soneto,  
Dá-me um clima mais doce em troca d'um pamphleto!  
Atiro-te uma estrophe, — atira-me um sorriso!

Desce! desce até mim! peço-te apenas isto:

Pois os eccos da dôr, — reflexos verdadeiros,  
Sempre hão de valer mais do que os *trinta dinheiros*  
Por que venderam Christo.

.....  
A noite suffocou em dobras de terror  
O largo panorama, o mystico fulgôr  
Que, aos olhos da desgraça, a crença desenrola.  
E no meu coração, eivado de agonias,  
Restam, de muito amor,  
Apenas — cinzas frias.

E' pois o teu amor, mais que amor: uma esmola.

E basta! E que mais quero? a que outra couza aspiro?  
Ah! seja tudo um sonho, uma illusão... Embora!  
Tu, que és de tanta sombra a luz consoladôra,  
O meu credo serás na derradeira hora,  
E será inda teu meu ultimo suspiro.

NARCIZO DE LACERDA.

### MEIO DIA

Nos campos, atravez dos densos figueiraes,  
Dardeja a prumo o sol: silenciosamente  
A viração ondeia os pallidos trigaes,  
Como halito de luz d'uma fornalha ardente.

No ar quente e calado, ao palpitar das azas,  
Alguma ave corta o azul indefinido:  
E as abelhas febris em rosicler de brazas  
Murmuram em redor do loireiral florido.

Os corpos quasi nus, sobre o ceifado puro,  
Creaças joviaes retoçam pela cira!  
Emquanto a mãe emballa o berço ao mais pequeno  
A sombra que projecta um ramo d'oliveira.

Uma alva borboleta, alegre, que volteia,  
As vezes vem poizar na sua trança preta;  
Erguendo-se depois, como uma casta ideia,  
Sonho tornado em luz, luz feita borboleta.

Á porta da cabana, onde se arma a vinha,  
Fia a curvada avó as suas meadas brancas:  
E espalha-se na frente da pallida velhinha  
Aquella dôce paz das grandes almas francas.

Enchendo o horizonte, além dos figueiraes,  
E do caminho estreito aonde cresce o loiro,  
O mar, como fuzão de vividos metaes,  
Ondeia á luz do sol, brilhante como o oiro.

E eu sinto, ao contemplar os campos fecundados  
E a vida a palpitar na seiva dos arbustos,  
Passarem-me no seio uns frêmitos sagrados:  
Os desejos viris dos corações robustos.

E sinto o quebramento e as horas de cansaço,  
E aquelle antigo amor, tão cheio de singeleza,

Cantarem; adormecerem-me em candido regaço:  
No teu seio de mãe, ó santa natureza!

COELHO DE CARVALHO.

### ABRIGO

Ergui um dia os olhos do profundo  
Abysmo de meus males e, atrevida  
Deixei minha alma voejar, perdida  
N'um desejo febril, baixo, infecundo.

Por impulso phantastico impellida  
Pairou, louca e feliz, por sobre o mundo;  
Ergueu-se no ar, porém, vento iracundo  
Desfez-se-me a ventura apetedida.

Caiu na dôr suprema da tristeza  
Minha alma então, e, fraca, inda hoje sente  
Queimal-a um resto d'esse fogo ardente.

Oh, mas ama-me tu! e na grandeza  
Do teu amor inundará meu peito  
Serenos gozo, em balsamo desfeito.

HENRIQUE MARINHO.

### OS RIDICULOS

Aquí tosquiavam-se camélos

\*\*\*

Graças ao joven *coisa d'Araujo* (vid. sobre o *traste* a secção do *Ecpediente*), soubémos da existencia de alguns devaneios, que o 1.º num. d'esta *Revista* mereceu ao joven Sergio, o *torpe ilota*, de Coimbra. Não vingamos obter, até hoje, a gazeta coimbrã illustrada pelo joven Sergio: quando o *coisa d'Araujo*, o curioso specimen de alforreca, preveniu do caso os infinitesimos do botequim, procurámos o papel (para certos usos cazeiros preferimos a proza do *torpe ilota*, ou os versos do *coisa*). Infelizmente, chegámos tarde: o publico *esgotara* a edição...

A analyse da proza de Sergio é-nos, pois, materialmente vedada. Temos a synthese:

Aquelle bom *Sergio de Castro*, que para alli está disputando a *Piza-flôres* as glorias abandonadas pelo *Littra*, tem, a espaços, comicções. Molestia velha! O nosso collega Silva Pinto encarregou-se, durante os ultimos annos, de *coçar* a pelle tisanada do caloiro perpetuo (vid. as folhas portuenses *Gazeta do Porto*, *O Porto* e o *Diario Portuguez*). O *torpe ilota* (1) finge-se amua-

(1) *Infame e torpe ilota* é um verso do joven Sergio. Faz parte de uma primorosa colleção de asneiras, intitulada *A' Lucta!* — modo de dizer *A' unha!*

do quando apanha; mas gôsta e pede mais, de quando em quando. Provoca, é certo, varios *executores*; mas não ha, para a epidemia do ilota, esfregadella como a do nosso amigo. D'esta vez, pelos modos, reclamou-a: mas Silva Pinto, prevenido por nós, respondeu:

— Falla-lhe tu, em arabe.

Vá, pois:

Zzzzzzzzzzzuuuuuuuu!

Acabamos de mandar—em arabe—o joven *Sergio*, ao sitio onde perpetuamente jaz o *coiza de Araujo*, quando o nosso informador nos disse:

— O idiota de Coimbra elogia o de Penafiel!

Tem-se visto. Já uma folha litteraria recuzou versos de Manoel Duarte d'Almeida, ao passo que publicava os do *couza*. O nosso primoroso poeta da *Cerulea* ainda hoje ri da historia—e nós com elle.

Com que então, temos o ratinho pellado da *Correspondencia* coimbrã protegendo o palerma renascente?!

Zzzzzzzzzzzuuuuuuuu!

PEDIMOS A ATENÇÃO DE TODOS OS HOMENS DE ESPIRITO PARA O ESTUDO BIOGRAPHICO INSERTO NO «PAE PAULINO» DE 31 DE DEZEMBRO.

Apoz o *torpilôta* de Coimbra e o *palerma renascente*, seu protegido, surge do tremedal o critiqueiro do *Diario Illustrado*—o sr. Fernandes Costa.

Sem documentos comprovativos de estudo ou de talento, este specimen grutesco dos litteratiços lisboetas, por ali anda—pelas columnas do *Illustrado*—ha um bom par de annos, arrastando o pedantismo, a ignorancia e a *virginal espada luzidia*, para gaudio dos furciis do batalhão e assombro dos franchinotes do noticiario patétinha. Ha dias, extractava d'uma poesia de Narcizo de Lacerda «o frémito do vento,» e *transformava* o frémito em *sopros*, distribuindo-os talvez pela redacção «*illustrada*;» hoje esbarra, o digno critico-tarimbeiro, com a *Voz do Povo*, do proprietario d'esta Revista, e, se não vinga extrair o frémito, é certo que provoca os *sopros*.

A *veia* do tenente Fernandes affirma-se especialmente á beira das produções poeticas; Lamartine, com o seu

.....*coeur féle*

que

*laisse par ses fentes l'amour s'évaporer;*

E Victor Hugo, com o seu pastor, que contempla as torres de Nossa Senhora de Paris,

...*accroupi dans les seigles de la plaine,*

seriam victimas do feroz tenente. A espaços, o *torpilôta Sergio* e *Fernandes*, o *cru*, aggridem-se com punhados de rhetorica: chamam, um ao outro, patéta e não ha então trapalhães mais verdadeiros.

Senhor Deus! se os nossos soffrimentos sobre a terra merecem da vossa justiça attenção para uma supplica, — mandae uma epidemia, Senhor! uma epidemia sobre estes idiotas, Omnipotente Senhor!

O encarregado dos ridiculos,

RAPHAEL.

## SARA

Eis-me, emfim, a teus pés, vergado ás leis da sorte, Escravo da attracção que exerces sobre mim:  
— Uma fimbria da terra em pelago sem norte  
Não vale o sol do amor n'uma negrura assim.

Liberta do sendal de estultos preconceitos  
Vae, minh'alma! sê grande! encara, affouta, o abysmo.  
Hão de embalar-te ahi os gozos mais perfectos,  
Ha de purificar-te o amor—esse baptismo.

Que importa navegar em férvida voragem,  
Se um sopro bemfazejo equilibrar a fé?  
Se atravez a neblina avulta doce imagem,  
Que importa que a procella angustias mil nos dê?

Para resuscitar as minhas mortas crenças,  
Basta um olhar, mulher. A um simples olhar teu  
Verás abrir-se a campa, e em espiraes immensas  
De fogo—transformar-se o pó que alli jazeu.

Iman, ao qual minh'alma e a Ideia em vão resiste,  
Leva, leva-me tudo emfim, que tudo é teu.  
Mas eu quero tambem a luz que em ti existe.  
Eu quero a luz do inferno—e dou-te a luz do céu.

N. DE LACERDA.

## A VERDADE

Foram-se os tempos biblicos, sagrados,  
E aquelle antigo fogo não se ateia,  
—Quando os tristes prophetas da Judéa  
Morriam, entre os maus, crucificados.

Por isso, ó deuses vão, ó tresloucados,  
Podeis lançar a excommunhão á Ideia  
E fazer da justiça uma Cadeia  
E a Fôrça dos antigos condemnados.

E, envolvidos nas velhas armaduras,  
Podeis nas noites tragicas, escuras,  
Arrancar ás bainhas os punhaes...

Que á nossa vista um grande mar se estende...  
E ninguem ó Verdade! — te suspende  
N'essa corrente electrica em que vaes.

BITTENCOURT RODRIGUES.

### MATER

Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie.

V. HUGO.

#### I

Vou empunhar a lyra e dedilhar tremendo  
Um harpejo d'amor!  
Para este fim augusto era attentado horrendo  
Calar-se o trovador!  
Embora o canto meu seja modesto e pobre  
Tem rica inspiração;  
Dedico-o a minha Mãe: — o sentimento é nobre,  
Nasceu do coração.  
Minha Mãe! minha Mãe! que favos de doçura  
E que harmonia vae  
No teu nome — Maria! És outra Virgem Pura!  
Minha Mãe! minha Mãe!  
Quando eu era no berço, a tua voz maviosa  
Erguia um canto assim:  
— «Dorme, meu filho, dorme o teu somno de roza,  
Que estás junto de mim!»  
Depois eu fui crescendo e ensinaste-me, rindo,  
As tuas orações.  
Esse tempo, meu Deus, foi fugindo... fugindo...  
Que tempo d'illusões!  
Meu Pae, ao ver-te e a mim, sorria de contente!  
Como elle era feliz!  
Ai! breve nos deixou... Era velho e doente;  
Foi Deus que assim o quiz!  
Aquella fronte eburnea, aquelle olhar altivo  
Penderam para o chão!  
Mas elle não morreu! Eternamente é vivo  
No nosso coração.  
— Vive, descança em paz, Progenitor honrado  
Aos pés do bom Jesus.  
Tua esposa viuva e teu filho orphanado  
Oram por ti á cruz.

#### II

Quantos momentos na vida  
Voam na aza do soffrer!  
Quanta esperança perdida  
Nos faz do mundo descrêr!  
Por uma hora de alegria  
Eternidades de dor!  
Chamem á vida — magia!  
Que eu chamo ao mundo — traidor!

Hoje, gala, pompa, festa,  
Prestigio, vaidade só!  
— Amanhã d'isto que resta?

— Tumulos cheios de pó!  
As garras da crua morte  
Vestem de crepe o prazer!  
É lei tyranna da sorte:  
— Rico e pobre hão-de morrer.

Ó, minha lyra, caemos  
Os teus lastimosos sons.  
E nós minha mãe, choremos,  
Só podem chorar os bons.  
Deus, deste a lagrima ao triste  
Para lhe mitigar a dôr,  
Em nós só a dôr existe,  
Nós choraremos, Senhor!

#### III

Passaremos assim este mundo, Senhora,  
As nossas afflicções carpindo mutuamente  
Té que a mão da sorte  
Venha disseminar em nosso peito frio  
A esperança feliz de nos juntarmos todos,  
Unidos pela morte.

ERNESTO PIRES.

### EXPEDIENTE

Dâmos hoje a promettida composição, inédita, do grande poeta Alexandre Braga. Alcançou a *Revista* um duplo triumpho: a aquisição de tal nome para as suas paginas e a excepção aberta em seu favor, d'ella, pelo poeta das *Vozes d'Alma*. Isto consola e alenta.

— O correspondente C. disse-nos, em um numero d'uma folha da provincia, algumas amabilidades, de par com algumas palavras de justiça e com alguns desfavôres. Acecitámos tudo. No numero immediato, da mesma folha, o correspondente supra dirige-nos alguns insultos; allude ironicamente aos nossos cabellos; promete-nos, vagamente, bengaladas, e fica esperando as nossas varrinas.

A cauza d'este reviramento é a seguinte: — o sr. Narcizo de Lacerda dirigiu por intermedio de uma folha diaria portuense, algumas phrases duras ao correspondente C.

Reflectindo: o cazo assusta-nos, porque, emfim, não nos livrámos de que a letra C. ou qualquer outra, nos peça estreitas contas, em nome da Liberdade, dos escriptos do sr. Luiz Veillot no *Universo*; ou, em nome da Republica, dos do sr. Paulo de Cassagnac no *Paiz*!

Negar ao sr. Narcizo de Lacerda a prioridade na elaboração da sua proza, bem como os brios indispensaveis para repellir, sem auxilio extranho, uma affronta recebida — é singular: mas ao nosso collega, e só a elle, cumpre discutir o cazo extranho, se não preferir desprezal-o.

Agora, tornar-nos responsavel pelas palavras alheias: insultar os nossos cabellos, accuzar-nos de má criação e afferecer-nos, indirectamente, bengaladas — é phantastico! Que a letra C. reconsidere: amanhã, D,

o perverso D e, depois d'amanhã, o venenozo X não hezitarão, por honra do Catholicismo, em pedir-nos contas da balburdia da Reforma: o que seria triste — para Luthero!

Que o alphabeto medite!

Os nossos cabellos teem sido, durante os oito annos da nossa vida litteraria, o alvo das injurias dos Philisteus. Em virtude de simillhantes apreensões, que caracterizam o indigena, teem soffrido toda a sorte de invectiva as calças de Ramalho Ortigão e a cara be-xigoza de Camillo. É um systema. Ora, não nos parece que, ao demonstrarmos, por exemplo, a distancia que vae do theatro do sr. Ennes ao theatro de V. Hugo, seja de bom gosto e, sobre tudo, da boa dialectica — mandar-nos cortar o cabelo.

Que o alphabeto reflita!

No tocante ás bengaladas promettidas: — achamos, ainda, de mau gosto. Ha couzas que ninguem promette em *redondo*, firmando a promessa com uma simples inicial. Porque, emfim, chegamos — supponha-se — á beira da letra C e pedimos-lhe o cumprimento da promessa: vae d'ahi, o C declara-nos, com a simplicidade da innocencia: — Não fui eu; foi talvez o R, ali em baixo...

E ahí temos nós de saltar por cima d'umas quinze letras, o que pode ser hygienico, mas offensivo para o nosso rheumatismo.

Temos a *má criação*. Costume velho, como o dos cabellos! Calumniam-nos, insultam-nos, atraçãoam-nos, á sombra da phrase adocicada — e, quando discutimos a traição, a calumnia e o insulto, chamam-nos *grosseiro*. Abstraindo da polemica, não nos livramos da acuzação por parte dos bemaaventurados. O que nos vale é, de quando em quando, o parecer insuspeito de um e outro espiritos — não incognitos — sobre a nossa *maneira* litteraria, bem como sobre o trabalho do nosso espirito.

Querem um exemplo? Ahí o damos, já que tanto exigem:

«Silva Pinto. — *Controversias e estudos litterarios* — 1875 e 1878, *Porto*. — O sr. Silva Pinto escreve a seguinte epigraphe na primeira pagina do seu livro: *Este é o meu sangue*. — Como todos os escriptos do auctor, este assignala-se por aquella isempção, por aquelle impeto de vida propria d'um batalhador cheio de tenacidade. Este livro tem paginas extremamente bem pensadas e que denotam que emquanto o seu auctor batalha, não deixa ao mesmo tempo de estudar. Não podemos em poucas linhas dizer mais das *Controversias e estudos litterarios*. Seria um livro digno das attentões da critica, se a indifferença do espirito portuguez pelos assumptos litterarios e artisticos não estivesse já perfeitamente caracterizada. Podem muitos dizer que o sr. Silva Pinto é por vezes injusto: o que ninguem pôde affiançar é que elle tenha a deshonestidade de esconder os seus pensamentos, ao passo que possui incontestavelmente a fé e a virtude perseverante no trabalho.»

GUILHERME D'AZEVEDO.

Outro? —

«Silva Pinto, eu gósto dos intranzigentes e a sua espinha dorsal é de bronze...»

GUERRA JUNQUEIRO.

Outro ainda? —

«Silva Pinto. A dedicatória dos seus *Homens de*

*Roma* penhora-me em extremo, porque sei que não prodigaliza testemunhas de estima e que é sincero, ainda mesmo quando é injusto.»

ANTONIO ENNES.

Continuaremos? Parece-nos inutil. Quer a letra C um documento recente da nossa moderação? Ahí lh'o damos:

O litterato *coiza de Araujo*, que dirige *renascenças* e que pede ás gazetas da capital e da provincia que noticiem a sua chegada, d'elle, a qualquer parte, occupa-se da *Revista de Arte e de Critica*, do nosso trabalho e do nosso caracter tambem: tudo isto em cartas diffamatorias aos amigos, e em palestras de bote-quim. Intrigante hediondo, capaz de lançar a discórdia entre toda a familia portugueza, — aquelle pequenino marão, que, do norte ao sul de Portugal, mendiga ou fabrica noticias — anonymas sempre — elogiando as proprias inepecias, ou insultando o trabalho alheio, tem, fóra do terreno dos noticiarios, um particular systema: quando a sua vilania consegue vencer o nójo dos offendidos e um d'estes lhe brinda a face com um escarro e o bôjo com dois pontapés, — elle, o insignificante, elle, o poltrão! — guarda cuidadosamente *tudo aquillo* e promete vingarse, no primeiro ensejo, *atraçãoando e diffamando* o auctor do brinde.

E d'isto se gaba!

Pois bem, sabemos de tudo quanto o histrião — protegido por todos os idiotas e por todos os infames da baixa imprensa — tem asseverado contra nós e contra os nossos amigos: e sabe o correspondente o que fazemos? Guardamos a sete chaves o que lhe apraz denominar *verrina*. E' que a tolerancia absoluta representa, em certos cazos, — a mais completa expressão do desprezo.

E' tempo de concluir:

O correspondente C parece-nos illudido. Sentimos profundamente que ás suas primeiras palavras, que abaixo transcrevemos, succedessem outras, que nada authoriza, que nada justifica.

Ahí vae o seu primeiro parecer, na parte em que a nós se refere, noticiando a *Revista*:

«A individualidade litteraria que firma os principaes escriptos do primeiro numero... é Silva Pinto.

«Todos o conhecemos.

«E' adepto da critica energica, mas sacrifica muito no altar do seu amor proprio e das suas paixões, por vezes pouco justas. E' um polemista distincto e sobretudo um caracter independente que detesta a maioria dos litteraticos louvaminheiros; mas o seu azedume contra elles é arma que fere por vezes sem distincção. A sua critica deve antes chamar-se *verrina*.»

Sabemos descortinar, em tudo isto, a injustiça, a verdade — e o favor, tambem. Que os leitores o saibam, como nós.

Ponto sobre o assumpto.

SILVA PINTO.